



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 19, v. 1
jan-jun.2023
p. 302-317

Os estudos queer e os (cu)ir dos estudos: pistas para acessar a outros recursos hermenêuticos

(Queer studies and the (cu)ir of studies: clues to access other hermeneutic resources)

(Estudios queer y los cu(ir) de los estudios: pistas para acceder a otros recursos hermenéuticos)

María Antonella Barone¹
Alexsandro Rodrigues²
Mariane Lima de Souza³

RESUMO: Pode-se registrar uma emergência do campo dos estudos queer a partir da década de 1980, localizado no conservadorismo dos Estados Unidos e na germinação de movimentos sociais que se colocaram na reivindicação de questões relacionadas à epidemia de HIV/AIDS nessa década. Sua articulação teórica reformulou os conceitos de sexo e gênero, oferecendo instrumentos para aprimorar a compreensão deste campo. No presente estudo, colocamos em tensão tal campo epistêmico, com as narrativas e os saberes do “cu do mundo”, a partir das vivências de pessoas trans e travestis que oferecem pistas para empreender os caminhos tortos e desviantes pelos quais é possível acessar outros recursos hermenêuticos, no que diz respeito a gênero e sexualidades.

PALAVRAS-CHAVE: estudos queer; estudos cuir; epistemologias trans; saberes do “cu do mundo”; recursos hermenêuticos.

Abstract: One can register an emergence of the field of queer studies from the 1980s, located in the conservatism of the United States and in the germination of social movements that placed themselves in the claim of questions related to the epidemic of HIV/AIDS in that decade. Its theoretical articulation reformulated the concepts of sex and gender, offering instruments to improve the understanding of this field. In the present study, we put this epistemic field in tension, with the narratives and knowledge of the “ass of the world”, based on the experiences of trans and transvestite people that offer clues to undertake the crooked and deviant paths through which it is possible to access other resources hermeneutics, with regard to gender and sexualities.

Keywords: queer studies; cuir studies; trans epistemologies; knowledge of the “ass of the world; hermeneutical resources.

Resumen: A partir de la década de 1980, se puede registrar un surgimiento del campo de los estudios queer, ubicado en el conservadurismo de los Estados Unidos y en consonancia con la germinación de movimientos sociales que se ubicaron en el reclamo de temas relacionados con la epidemia del VIH/SIDA en esa década. Su articulación teórica reformuló los conceptos de sexo y género, ofreciendo instrumentos para mejorar la comprensión de estas temáticas. En el presente estudio, tensionamos este campo epistémico, con las narrativas y saberes del “culo del mundo”, a partir de las producciones de personas trans y travestis, que ofrecen pistas para emprender caminos retorcidos y desviados por

1 Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisadora no Grupo de Estudos sobre Aborto (GEA) pertencente ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades - NEPS / UFES, vinculado ao Centro de Educação desta universidade. Doutoranda no Programa de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, bolsista FUNCAP. E-mail: antonellabarone@alu.ufc.br

2 Doutor em Educação, professor Associado III do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional (PPGPSI/UFES). Coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisas em Sexualidades (GEPSS/UFES) e do Núcleo de Pesquisa em Sexualidade (NEPS/UFES). E-mail: xela_alex@bol.com.br

3 Doutora em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005). Professora associada do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: limadesouza@gmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 22/12/2022
Aceito em 13/01/2023

los que se hace posible acceder a otros recursos hermenéuticos, en relación a género y sexualidades.

Palabras clave: estudios queer; estudios cuir; epistemologias trans; conocimientos del “culo del mundo; recursos hermenéuticos.

1 Introdução

A palavra queer é um termo em inglês que denota significados pejorativos e insultantes. “Queer” pode se tornar um xingamento de caráter sexual contra sujeitos que se dispõem a viver o corpo diferentemente dos modos construídos socioculturalmente. Sujeitos aos quais se dá um tratamento diferenciado, considerando-os estranhos, anormais, esquisitos, pelo fato de transgredir determinadas normas. “Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”, define Guacira Lopes Louro (2004, p. 38).

Na esteira das iniciativas antropofágicas que propõem deslocamentos dos termos da sua gramática inicial para outros sistemas linguísticos, adaptando-o, comendo-o, em um ritual de antropofagia, neste trabalho mantemos o termo em inglês para recolher a mistura de acepções para o uso deste (COLLING e PELÚCIO, 2015). Desta forma, assumimos que, apesar de ser um termo criado em outra língua, não aparecerá em cursiva. Pretendemos retirar dele o valor de raridade e deixá-lo aberto à possibilidade de apropriação. Porque, além disso, “é muito difícil pensar que exista uma nacionalidade específica para os estudos queer, pois eles são fruto de uma suruba de reflexões, ideias e ativismos de diferentes contextos e localidades” (COLLING, 2015, p. 181).

No sul global, por exemplo, o queer não só foi trafegado ou incorporado aos debates, senão que foi canibalizado, reanimado uma e outra vez, digerido e regurgitado, porque seus benefícios teóricos e políticos foram pensados para a produção de esquemas interpretativos e operativos, que fossem eficazes para as lutas anti-repressivas dos anos 1990 (FIGARI, 2014). Trata-se de uma palavra provocadora que foi resgatada por remeter a características de abjeção, que atua como um marcador político para reafirmar os diversos modos possíveis de viver a sexualidade.

O termo queer trouxe ao centro do debate sobre gênero e sexualidades as possibilidades de deboche para criar campos de contestação às normas de sexualidade e gênero e para destacar as existências de sujeitos tidos como desviantes (LOURO, 2001; 2004). Dessa forma, o campo dos estudos queer pode ser considerado como um aporte para uma política de gênero mais plural que é viabilizada pelas contribuições dos movimentos de pessoas transexuais, travestis e não binárias. A partir de uma perspectiva antiessencialista, esse campo desestabiliza a construção das identidades sexuais, questiona as categorias normativas de gênero e sexualidade e outorga outros significados às operações linguísticas, de forma que se compreenda como um outro modo socialmente aceito de viver o gênero e as sexualidades.

Esses questionamentos que os estudos e ativismos queer formulam em relação aos



limites das políticas identitárias que constroem comunidade a partir de identidades pretendidas fixas e imutáveis apontam para análises que diminuam as desigualdades excludentes dos sujeitos marcados por classe social, elementos étnico-raciais, sexualidade, idade, diversidade funcional, etc. (TRUJILLO, 2009). A socióloga ainda vai mais longe e faz uma provocação em relação aos modos em que colocamos em uso estratégico das identidades, ao tempo que as questionamos e defendemos a dissolução política destas. Trujillo (2014) faz, então, um convite para nos mobilizar e nos organizar em torno dos objetivos comuns, em detrimento das identidades compartilhadas em um mesmo grupo ou coletivo.

Em relação a estes questionamentos, se estabelecem linhas de conexão com os modos nos quais entendemos as identidades, e ao invés de essências rígidas e fixas, a perspectiva queer propõe que a sensação de comunidade seja criada pela via das afinidades e das posições circunstanciais, essas que possibilitam a construção de estratégias mais assertivas para lidar com os processos excludentes (TRUJILLO, 2009). Os aportes teóricos das epistemologias e dos ativismos queer têm contribuído também para revitalizar a perspectiva das produções e posicionamentos feministas ao “abrir nuevos horizontes de debate teórico y de prácticas políticas, tender puentes entre ambas (y con otras) movilizaciones y atraer a las generaciones más jóvenes” (Idem, p.170).

2 Os estudos queer e os (cu)ir dos estudos: pluralidade de possibilidades hermenêuticas

Com a finalidade de dimensionar a influência das contribuições dos estudos queer para a produção brasileira e evidenciar a autonomia intelectual das reflexões locais, se elabora uma série de questionamentos sobre os desdobramentos destes e possíveis caminhos para transbordá-los.

O primeiro questionamento está em consonância com o trabalho de Larissa Pelúcio (2012; 2014; 2016) que, para empreender uma descolonização do pensamento, reúne contribuições de pensadoras e pensadores referenciais que desafiam os saberes canônicos centrados na epistemologia das ciências europeias e do norte global. Nesse trabalho de reflexividade crítica, Larissa Pelúcio (1996), ao questionar sobre nosso lugar de produção de conhecimento a partir do território de onde o saber emana, diz: “Nós guardamos marcas históricas e culturais dos discursos que nos constituíram como periféricos. Isso, claro, marca também nossos textos e reflexões. Quando pensamos em raça, cor, classe, sexualidades, não podemos esquecer de nossas peculiaridades locais” (PELÚCIO, 2016, p. 132).

A brasileira Lélia González (2020, p. 69) explicita a respeito, afirmando que precisamos de um outro olhar “novo e criativo no enfoque da formação histórico-cultural do Brasil que, por razões de ordem geográfica e, sobretudo, da ordem do inconsciente, não vem a ser o que geralmente se



afirma: um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente europeias, brancas”.

São as pistas oferecidas pelas interlocuções que operam no exercício de deslocar alguns eixos de produção de conhecimento dos Estados Unidos e da Europa, as que seguimos para criar pontes desde outras margens epistemológicas. Como assinala Lohana Berkins (2013):

A nosotras nos seduce la idea de derribar las identidades, de vivir en un mundo “degenerado”, pero nos parece que decir esto en el contexto estadounidense o europeo es muy diferente a decirlo en nuestra América Latina. La traducción de un contexto a otro es un proceso muy complejo, hasta ahora no alcanzado. No es lo mismo ser una travesti en Buenos Aires, en Salta, en Bolivia, que serlo en Manhattan o en Amsterdam (BERKINS, 2013, p. 91).

Essa diferença destacada pela autora nos remete à dimensão das estratégias que são construídas e ensaiadas para desestabilizar as fronteiras sexuais, de gênero, mas também raciais, culturais, linguísticas e de classe. Ao tempo em que pensar na diluição de fronteiras de gênero para criar mundos “degenerados”, nossos contextos e territórios ainda nos demandam outros exercícios de problematizações. A chicana Gloria Anzaldúa (2016) também utilizou o termo queer como estratégia para afirmar as misturas e as disputas de sentidos sobre determinados marcadores. Nas suas palavras:

Como mestiza, no tengo patria, mi patria me expulsó; sin embargo, todos los países son míos porque yo soy la hermana o la amante en potencia de toda mujer. (Como lesbiana no tengo raza, mi propia gente me repudia; pero soy todas las razas porque lo queer de mí existe en todas las razas). No tengo una cultura porque, como feminista, desafío las creencias culturales-religiosas colectivas creadas por hombres Indo-hispanos y Anglo; sin embargo, soy una persona culta porque estoy participando en la creación de otra cultura más, una nueva historia para dar cuenta del mundo y de nuestra participación en él, un nuevo sistema de valores con imágenes y símbolos que nos conectan a unas personas con otras y con el planeta. Soy un amasamiento, soy un acto de amasar, de unir y juntar que no solo ha creado una criatura de oscuridad y una criatura de luz, sino también una criatura que cuestiona las definiciones de luz y oscuridad y les asigna nuevos significados (ANZALDÚA, 2016, p. 137-138).

A manifestação da autora nos remete à possibilidade de narrar o mundo a partir da nossa participação nele e efetuar nossas análises a partir de uma genealogia diferente e subalterna, para abrir outros caminhos que ofereçam o desenvolvimento de novos campos epistêmicos. A importância de se pensar seriamente na ação de situar os estudos queer no contexto latino-americano, e em particular, no contexto brasileiro, reside na necessidade de “construir e afinar nossas próprias ferramentas conceituais e teóricas, justamente para pensar essa realidade particular” (PELÚCIO, 2012, p. 413).

Decerto, o campo de conhecimento dos estudos queer não se limita à abordagem de sexualidades e gênero, senão que se propõem a discutir qualquer forma de normatividade. O que indica o caminho para um segundo questionamento deste campo epistêmico que contesta, também, os processos de pesquisa, a linguagem dos desenhos da investigação, as escolhas metodológicas



e os modos instituídos de produção de conhecimento na área social. Como argumentam Kath Browne e Catherine J. Nash (2010), se para o pensamento queer, sujeitos e subjetividades são fluxos instáveis em constante mutação, como podemos reunir/coletar “dados” daqueles assuntos fugazes usando os métodos padrão como, por exemplo, entrevistas ou questionários?

Nesse contexto, então, o que podemos dizer é que pesquisar desde uma abordagem queer também é se dispor à complexidade, uma vez que contesta os processos de criação de verdade, assim como das técnicas de dados estatísticos, as relações de poder que podem informar a coleta de dados, sendo desleal a todas as formas de métodos disciplinares convencionais (BROWNE e NASH, 2010).

Para dimensionar a força das contribuições dos estudos queer/cuir para a produção brasileira a partir das reflexões locais, um terceiro questionamento se relaciona com os desdobramentos do próprio *status* de humanidade, que também é colocado em xeque. Segundo Ailton Krenak (2020), existe uma espécie de seletividade na que os corpos marcados como “sub-humanidade” não integrariam “o clube seleta da humanidade”. Desde esta perspectiva, as concepções de humanidade também são questionáveis⁴, em tanto à criação de marcos epistêmicos que não atentam para as narrativas que nunca tiveram o acesso à “credencial de humanidade, (...) sabenças não-hegemônicas, as quais sempre tiveram de lidar não com o fim da espécie, mas com o fato de a rubrica ‘humana’ nunca ter sido uma prerrogativa de reconhecimento de muitos povos” (LEAL, 2021, p. 2).

E nesse sentido, introduzimos mais um questionamento que tem a ver com uma pluralidade de corpos que não são considerados “humanos” porque são lidos como desviantes da norma. Isto, em relação a que o corpo, definido/enquadrado/reconhecido como humano ou não, saudável ou doente, normal ou patológico, não possui um *status* ontológico, senão biopolítico e performativo (BUTLER, 2016). Condição que faz com que não seja possível um corpo ser lido por fora de um conjunto de práticas discursivas, epistemológicas, científicas, farmacológicas, econômicas, midiáticas, audiovisuais (FOUCAULT, 2001; PRECIADO, 2008, 2020; BUTLER, 2016).

Aos fins deste trabalho, se considera necessário atentar para aqueles campos epistêmicos que desestabilizam padrões universalistas, transgridem paradigmas unívocos e subvertem seus limites sistematicamente, amplificando suas ações para novas redes sociais. Contudo, não propomos tratar as posições queer de forma unificada, porque isso retiraria a força das propostas e das ideias. Podem se observar divergências e diferenças no interior da perspectiva queer, e é por isso que se faz preciso situar o contexto de enunciação e reforçar a atenção devida à singularidade de cada

4 Vide Mbembe (2018); Krenak (2019; 2020); Leal (2020).



marco epistêmico. Ali radicaria a potência de um exercício constante de reflexividade crítica para nos afastar do risco de nublar a densidade das proposições deste campo (BARONE, 2022).

Sobre o desenvolvimento dos estudos queer no contexto brasileiro, Berenice Bento (2014) faz um desdobramento do questionamento anterior e indaga: como traduzir o queer para o contexto brasileiro? Qual a disseminação deste campo de estudos no Brasil? A socióloga brasileira, numa tentativa de operacionalização localizada do termo queer, os têm nomeado “estudos transviados”, e indaga se quem está ouvindo o termo “queer” compartilha o mesmo campo semântico desses estudos queer, no contexto nacional. Destaca que, mesmo sendo um campo de estudos que propõe outra prática epistemológica para pensar concepções de humanidade alternativas, devemos reconhecer a dificuldade que os estudos/ativismo transviados encontram para se consolidar no contexto regional e, particularmente, no local. Larissa Pelúcio (2014, p. 12-13) anuncia:

Nossa drag, por exemplo, não é a mesma do capítulo 3 do Problemas de Gênero, de Judith Butler (2003), nem temos exatamente as drag king das oficinas de montaria de Beatriz Preciado, ou sequer podemos falar do homossexual do mesmo modo de David Halperin, ou da aids, como o fez Michel Warner. Nosso armário não tem o mesmo formato daquele de Eve Sedgwick. Cito aqui o quinteto fantástico do queer. Ainda que entre nós alguns nomes sejam mais familiares que outros, foi essa a bibliografia que chegou com mais força até nós a partir do território queer euro-americano.

Nos interessa, aos efeitos do nosso trabalho, como essas provocações operam as produções de conhecimento, como funcionam nas nossas produções acadêmicas, quando se trata de acompanhar os processos que os desvios nos propõem, sobre tudo das narrativas do “cu do mundo” (PELÚCIO, 2014). E, assim, provocar o pensamento fugindo dos modos de pensar disponíveis, para inventar outros caminhos. Nesse sentido, e no ensejo de valeria flores⁵ (2013, p. 55), mais do que perguntar o que é cuir, podemos nos deter para pensar como opera “o cuir”: “localización de la disconformidad con las hegemonías no sólo identitarias sino también geopolíticas. (...). Cuir no como marca, sino como práctica, en la que la escritura se mueve como un lugar de contrapoder frente a los lenguajes hegemónicos y binarios del habla cotidiana”.

Como aponta a autora supracitada, o “cuir” é localizado no contexto de produção de saberes situados que possibilitam o reconhecimento da abrangência, pluralidade e heterogeneidade de abordagens em relação às práticas de normalização, não só de sexo e gênero, se não também de ordem racial, de classe, nacional, corporal, etc.

Mas não é só a perspectiva dos estudos cuir/queer que, a partir da crítica, desarticulam as naturalizações normativas. Trata-se de um conjunto de conceitos e técnicas que são cultural

5 valeria (val) flores (2013), assim como abigail campos leal (2020), prefere ter seu nome escrito em minúscula, pois se trata de uma intervenção linguística de ruptura na gramática normativa, uma forma de minorizar o nome próprio para ressaltar a importância da obra.



e espacialmente específicos, e são produzidos em campos de conhecimento que se desenvolvem para abrir brechas e questionar as bases epistêmicas de contextos particulares. É o caso do campo epistêmico dos estudos trans que introduzimos a continuação.

3 (Trans)posições epistemológicas dos estudos trans

Estamos de acordo com abigail campos leal (2020, p. 68), quando afirma que o saber é plástico e que “não deve ser avaliado apenas a partir de onde ele emana (academia, música, religião, artes de galeria, arte de rua...), mas a partir dos usos que ele apresenta para a vida, para o envivecer”. O desenvolvimento do campo epistemológico dos estudos trans nos oferece pistas para uma abordagem que nos permita, de forma parcial e tentativa, habilitar uma escuta atenta aos processos de produção de conhecimento relacionado a gênero e sexualidades.

Susan Stryker (2004), refere-se a esse campo epistêmico como “o gêmeo maligno da teoria queer” para explicar as semelhanças e diferenças entre ambos. Porque se a teoria queer nasce da articulação problemática entre os estudos sobre sexualidade e as epistemologias feministas, os estudos trans e as epistemologias queer teriam essa mesma filiação, enquanto que os estudos trans operam na construção de conhecimento por parte das pessoas trans. Porque compreender as categorias de produção de conhecimento exige olhar para a exclusão destas como produtoras legítimas de saberes, inclusive sobre si mesmas: “nada de nós, sem nós”, pontua Blas Radi (2019), demarcando um lugar específico, que se afasta da lógica objetificante que as toma só como objetos de pesquisa. Isto é, “criar novos territórios, tanto analíticos quanto materiais, para uma prática transexual criticamente refigurada. Abraçando e identificando-se com a figura do monstro de Frankenstein, reivindicando o poder transformador de um retorno da abjeção” (STRYKER, 2004, p. 212, tradução livre).

O conhecimento produzido pelos estudos trans abre fissuras, questiona as bases epistêmicas das tecnologias discursivas e permite colocar em tensão as categorias analítico-políticas de sexualidade e gênero. “Los estudios trans* surgieron, en parte, debido a la incapacidad de la teoría queer para dar cuenta de las experiencias trans*”, argumenta Blas Radi (2017, p. 145), assinalando que estes não se desenvolvem só nos Estados Unidos, nem são o último capítulo dos estudos de gênero das teorias feministas, assim como tampouco são tudo aquilo dito na academia sobre as pessoas trans, nem qualquer coisa dita ou feita por pessoas trans. Principalmente, enfatiza: ao invés de produzir um reconhecimento epistêmico das suas subjetividades, as pessoas trans estão na academia faz muito tempo como meros objetos de estudo de uma grande quantidade de pesquisas (RADI, 2019a).



Os principais questionamentos que estas epistemologias fazem são em torno dos núcleos de sentido criados em relação às pessoas trans. Por esse motivo, os estudos trans constituem um campo acadêmico “interdisciplinaria y socialmente comprometido, cuyo surgimiento suele identificarse a principios de la década del noventa. Su trama anuda contribuciones propias de las humanidades, las ciencias sociales, la psicología, las ciencias naturales y las artes” (RADI, 2019b, p. 29). O autor afirma que se trata de um campo transdisciplinar que faz explícito o seu compromisso político porque o interesse das pessoas que se dedicam aos estudos trans não é meramente especulativo, senão, e fundamentalmente, prático e crítico. Nas palavras de Berenice Bento (2014, p. 51):

Um corpo teórico pode ser lido como uma máquina de guerra. Os conceitos, suas articulações, a relação com os colaboradores da pesquisa, são ferramentas que permitem ao/a pesquisador/a propor interpretações sobre as dimensões das relações sociais sobre a qual está debruçada. Durante décadas a única referência que se dispunha para explicar os trânsitos entre os gêneros eram os construtos disponibilizados pelo saber-poder médico/psi. A adesão de ativistas e acadêmicos a uma perspectiva analítica contrária à naturalização das identidades, aos binarismos identitários e à análise da economia política dos discursos médicos/psi passaram a estabelecer novas possibilidades interpretativas.

O campo dos estudos trans se configura como transversal. Portanto, suas metodologias exigem uma transdisciplinaridade. Blas Radi (2019a) destaca que o ponto fundacional desse campo de estudos é o reconhecimento epistêmico produzido pelas pessoas trans, a partir do destaque ao conhecimento em primeira pessoa, ao conhecimento encarnado que desestabiliza as formas em que se aborda sexo e gênero na academia. Nas palavras do autor: “La emergencia de este campo disciplinar representa un compromiso crítico con respecto a la investigación biomédica y guarda estrecha relación con desarrollos provenientes de la teoría feminista, los estudios gay-lésbicos y la teoría *queer*” (RADI, 2019b p. 29).

Este campo epistêmico transbordante propõe problematizar as elaborações teóricas dos estudos feministas nas abordagens do que se entende por sexualidade e a sua relação com as categorias de gênero. O escopo dos estudos trans, segundo Susan Stryker (2021), se relaciona com perturbar, transgredir, desnaturalizar e questionar os vínculos normativos que, no geral, se assumem para a sexualidade, com expectativas socioculturais atribuídas a determinados modos de viver o sexo e o gênero.

É inegável a força que determinados corpos teóricos desempenham na produção de modos de sentir e pensar o sexo e o gênero. Nesse sentido, é necessário um olhar crítico que reconheça outros saberes na disputa epistemológica:

Nos estudos transviados os discursos médicos passam a ser analisados como engrenagens discursivas que limitam a existência da diversidade dos desejos, dos gêneros, das sexualidades ao âmbito das estruturas fixas corpóreas. E assim se estabelece uma disputa epistemológica onde o corpo passa a ser um significante com múltiplos significados, uma



estrutura estruturante em permanente processo de transformação (BENTO, 2014, p. 49).

A perspectiva dos estudos trans expressa uma mudança de paradigma que vai interpelar desde o Estado, os seus agentes e também os movimentos sociais, já que rompe com o modelo da diferença sexual e o binarismo de gênero. Nesse sentido, Blas Radi (2019a) nos convoca para trabalhar com as instituições para torná-las habitáveis, porque ainda, em geral, não se tem lugar para os saberes trans. Para Berenice Bento (2014), os estudos transviados são contradiscursos que possibilitam novas interpretações para a relação entre corpo-sexualidade-gênero:

A disputa que os estudos transviados estão realizando com outros saberes instituídos em torno das sexualidades, gêneros e dimensões raciais, tem como efeito invadir áreas do conhecimento antes tidas como as verdadeiras porta-vozes de determinadas esferas da vida. O processo de desnaturalização das identidades de gênero e das práticas sexuais que está em curso realiza-se mediante pesquisas históricas e conjunturais a partir de múltiplos recortes temáticos e de técnicas de pesquisa (BENTO, 2014, p. 48).

Os estudos trans compõem um campo epistêmico que questiona as injustiças epistêmicas e o papel da academia como lugar possível para a disputa em torno da produção de conhecimento. Como diz Lohana Berkins (2013, p. 91): “abran las puertas de las casas de estudio para escuchar la voz de quienes como yo elaboramos reflexiones a partir de nuestras vidas, no de los libros. Ésta debería ser la academia verdadera, aquella que organiza sus saberes escuchándonos”. Ecoando a voz de Berkins (2013), é possível perceber que sobressaem diversos desafios epistêmicos quando pretendemos abordar as experiências das pessoas trans.

4 Os estudos trans e suas contribuições: criando outros recursos hermenêuticos

Reconhecemos uma série de desafios éticos, políticos e epistêmicos à medida que nos envolvemos com determinados referenciais teóricos que subvertem algumas condições institucionais. Nessa direção, propomos fazer uma análise e proposição de como os estudos trans possibilitam a inteligibilidade dentro da academia para reduzir as condições assimétricas na produção de saber.

Reconhecemos, ainda, que os estudos trans e queer disponibilizam uma caixa de ferramentas que envolve críticas muito fortes às nossas formas habituais de compreensão dos fenômenos sociais e do conhecimento, não só no produto, mas também no processo de análise para abordagem do tema de investigação, já que nossas procuras heurísticas vão além das ofertas acadêmicas de nossas casas de estudo, e isto, muitas vezes, nos coloca no desafio de afirmar o caráter artesanal de nossas pesquisas (RADI, 2019b). Os projetos acadêmicos dedicados aos estudos de gênero e sexualidade, de modo geral, se manifestam mais resistentes às contribuições dos estudos trans.



Isto faz com que, em muitos casos, a “teoria queer” funcione como uma etiqueta ou marcador que, de um lado, garantiria a inclusão de pessoas trans na condição de objetos de análise e, de outro, dificultaria a participação dessas pessoas nesses mesmos espaços acadêmicos (RADI, 2019a).

Neste trabalho, encontramos desafios que nos colocam diante de escolhas que podem se afastar dos recursos interpretativos da ciência hegemônica, porque ela tem operado com opacidade para a inteligibilidade de pessoas trans e as suas experiências. Ao mesmo tempo, faz-se necessário uma aproximação de leituras a um repertório significativo e legítimo de recursos hermenêuticos com instrumentos mais precisos, como são os estudos trans ou transviados e as epistemologias queer. Nesse sentido, podemos reconhecer alguns pontos de encontro ou acordos entre a teoria queer e os estudos trans.

Os estudos queer e trans coincidem, em primeiro lugar, no fato de apontar o caráter socialmente construído de gênero e sexo. Esse é um pilar fundamental dessas duas perspectivas. Esses dois campos também concordam em apontar os problemas da matriz do pensamento binário e de suas grades hermenêuticas, que codificam a experiência cotidiana e marcam fortemente os limites de inteligibilidade (RADI, 2019b). Essas duas abordagens também coincidem em reconhecer que existem diferentes posições que são dinâmicas, locais e contextuais, que dependem da intersecção de múltiplos pertencimentos e marcações no tecido social, portanto requerem abordagens mais complexas do que aquelas que podem ser representadas sob a lógica do sujeito oprimido e do sujeito opressor como posições fixas, a-históricas e construídas *a priori* (BENTO, 2014, 2017; NEVES, 2016; PEREZ, 2020B; RADI, 2019B; STRYKER, 2004).

Nos campos epistêmicos dos estudos trans e os estudos queer, há também um acordo sobre as dimensões políticas de sexo, gênero e sexualidade. Usar, por exemplo, a heteronormatividade e a cisnormatividade como chaves de análise significa compreender e problematizar como essa ideia de “sexo biológico” masculino ou feminino adquire inteligibilidade como um universal dado (PELÚCIO, 2012; RADI & PÉREZ, 2014; BENTO, 2017; RADI, 2017; 2019A; 2019B; STYKER, 2021). Ou seja, além da compreensão de gênero, sexo e sexualidade como esferas políticas, implica também se interessar pela procura dos rastros dos elementos que as constituem, também na dimensão de uma produção cultural, já que esses quadros de reconhecimento (BUTLER, 2016) são criados para interpretar os sujeitos.

Os estudos trans se dedicaram a efetuar uma crítica necessária de produções no campo dos estudos queer, sobretudo, a respeito da tendência fortemente cis sexista do que faz a teoria e o ativismo queer (RADI, 2017). Nesse sentido, é destaque a leitura crítica desses dois campos em relação ao conhecimento, ainda que “os estudos trans tenham dividido uma agenda com os



estudos queer, existem objetos de estudo que sejam talvez de interesse exclusivamente trans (...)” (NEVES, 2016, p. 162).

Por sua vez, os estudos trans têm apontado para alguns paradoxos que desafiam às epistemologias queer, nas palavras de Radi (2017, p. 147) “desde la teoría queer se usa a las personas trans* para desarrollar argumentos sobre y contra la heteronorma — y en ese sentido son un símbolo de resistencia —, pero a la vez se las acusa de reforzarla — y, por lo tanto, son la expresión de la dominación —”. Esses marcos referenciais entendem o conhecimento como um fenômeno social que atinge de forma assimétrica às comunidades. Nem todos os sujeitos participam em igualdade de condições nos processos de produção de conhecimento, não porque intervenham mais ou menos, mas porque não o fazem com os mesmos créditos nem são afetados da mesma forma pelos resultados das pesquisas (PÉREZ, 2020b).

Nessa direção, o campo epistêmico dos estudos trans aponta para uma problematização em relação aos usos instrumentais que fazem os estudos queer das pessoas e questões trans, que vão sumindo sob a prerrogativa de técnicas de apagamento em termos ontológicos, assinalando-as como reprodutoras de padrões normativos. Nas palavras de Blas Radi (2017, p. 145):

Podríamos señalar como uno de los gestos críticos característicos de los estudios trans* el movimiento reflexivo que pone el acento en la compleja dinámica de apropiación y borramiento. Esta vuelta crítica permite poner en evidencia el patrón colonial que gobierna los usos teóricos de las personas trans* por parte de, por ejemplo, la academia queer. A los efectos de este artículo, resulta particularmente relevante el hecho de que numerosxs intelectuales, entre ellxs Namaste, Prosser, Rubin, Cabral y Bettcher, hayan atacado el supuesto de que las personas trans* están obligadas a desnaturalizar y deconstruir el binario de género. Esta exigencia esencializante ha sido a menudo articulada (implícitamente, al menos) por teóricxs queer que han hecho de la experiencia trans* una abstracción útil.

As problematizações formuladas a partir dos estudos trans questionam os papéis que têm desempenhado as pessoas trans para a teoria queer, enquanto os compromissos em seu vocabulário, sua metodologia, suas ferramentas de pesquisa, seus princípios conceituais e as consequências que surgem tanto para a produção de conhecimento, quanto para a vida das pessoas investigadas. Nesse sentido, consideramos que as propostas epistemológicas com as quais compomos esse artigo buscam a heterogênese na produção de conhecimento, posição que nos implica para corroer as forças binárias de algumas formas de conhecer e buscar nos saberes subalternos narrativas, discursos e práticas que são produtoras de diferença (ROSEIRO *et al.*, 2021).

Dedicada aos estudos sobre “violência epistêmica”, Moira Pérez (2019) assinala que, quando se trata de saberes subalternizados, é possível que se diminua seu papel no intercâmbio epistêmico e se produza uma abjeção ou inteligibilidade. Ou seja, que se reduza a agência política de determinadas pessoas com diferentes marcadores sociais na produção de conhecimento. Blas



Radi (2017) nomeia essa operação como tecnologias bibliográficas de produção de ausências, que se relaciona “(...) idea -y su aplicación- de que ciertas personas o ciertos tipos de personas no son capaces de producir saberes adecuados, o no podrán evaluarlos o comprenderlos, es una de las formas más evidentes de la violencia epistémica” (PÉREZ, 2019, p. 86). No dizer de Sara Wagner York, Megg Rayara Gomes Oliveira e Bruna Benevides (2020, p. 3), se fazem necessárias:

Escutas atentas e outrora feitas por outros vieses que construiriam um arquivo ou banco de memórias para desenho de uma epistemologia e, neste caso, uma trans-epistemologia. A consequência lógica apresentada é que, se existem dispositivos para a não escuta destas histórias, assim estamos diante de um trans-epistemicídio. (...) Via de regra, as incursões etnográficas feitas por pesquisadoras e pesquisadores brasileiras e brasileiros destacam a presença de travestis e mulheres transexuais (...), raramente no campo do conhecimento, especialmente o acadêmico.

Os marcos teóricos e os referenciais que orientam nossas análises, procuram pensar desde uma perspectiva que tem a potencialidade de produção narrativa afirmativa de outros modos de sentir e pensar. Nos colocamos em exercícios constantes para nos distanciar das formas que contribuem à divisão do trabalho intelectual que adjudica o papel de agentes epistêmicos somente a uma comunidade, jogando a outra no papel de “objeto” de pesquisa.

Tatiana Lionço (2016), ao discorrer sobre a despatologização das identidades trans, refere-se às reflexões acadêmicas protagonizadas por pessoas trans que profissionais de saúde não acessam, referências que deveriam compor a grade curricular dos cursos de formação, como destaca Tatiana Lionço (2016, p. 155): “A academia está muito fechada em si mesma e precisa rever suas estratégias de democratização do acesso ao conhecimento”.

Por esse motivo, nos campos epistêmicos que analisamos, a abordagem não é especulativa, mas prática, comprometida com processos políticos e problemas sociais contemporâneos. Dessa forma, como assinala Blas Radi (2019a, 2019b), busca-se reduzir e eliminar a marginalização epistêmica de pessoas trans, abrindo espaço para o reconhecimento de sua subjetividade e agenciamento epistêmico e convocando os pesquisadores a explicitar sua situação dentro da investigação. “Portanto, a ideia de um corpo travesti ou trans ganha propriedade discursiva a partir do compor ou contrapor exposições anteriormente feitas a respeito delas, sobre elas e, agora, por e com elas” (YORK, *et al.*, 2020, p. 5).

5 Considerações para continuar pensando

Reconhecendo as contundentes pistas que os marcos teóricos e referências apresentados nos oferecem, foi possível acessar outros recursos hermenêuticos que operam de modo diferente nas abordagens sobre gênero e sexualidades.



Neste artigo, nos interessamos por como funcionam alguns mecanismos epistêmicos, teóricos e referenciais, nas formas que interpretamos o que acontece no campo social, e como eles podem vir a operar para incluir e ou excluir (in)certos sujeitos da agência política. Dessa forma, foram reconhecidos alguns pontos de encontro entre a teoria queer e os estudos trans, ao tempo que achamos uma série de desafios ante escolhas hermenêuticas que se afastam dos recursos interpretativos da ciência hegemônica.

É assim que, de acordo com as propostas e provocações desenvolvidas pelos campos epistêmicos explicitados, faz-se necessário abrir o repertório de recursos hermenêuticos com instrumentos mais precisos, como são os estudos trans ou transviados e as epistemologias cuir/queer.

Referências:

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La frontera: The New Mestiza*. Madrid: Capitán Swing, 2016.

BARONE, M. A. *Narrativas-trans-aborteiras: o aborto desde uma perspectiva trans e uma aproximação queer/cuir*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2022. 200 p.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014.

BENTO, Berenice. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017.

BERKINS, Lohana. Los existenciarios trans. In: FERNÁNDEZ, Ana María; PERES, Wiliam Siqueira. *La diferencia desquiciada. Géneros y Diversidades sexuales*, p. 91-96. Buenos Aires: Biblos.

BROWNE, Kath; NASH, Catherine J. *Queer methods and methodologies: Intersecting Queer Theories and Social Science Research*. Farnham: Asghate, 2010.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

COLLING, Leandro. *Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer*. Salvador de Bahia: EDUFBA, 2015.

COLLING, Leandro; PELÚCIO, Larissa. Deslocamentos antropofágicos ou de como devoramos Judith Butler. *Revista Periódicus*, [s. l.], v. 1, n. 3, p. 1-5, 2015. DOI: 10.9771/peri.v1i3.14253.

FIGARI, Carlos. Queer argie. *The Johns Hopkins University Press, American Quarterly*, 66, v. 3, n. 9, p. 621-631, 2014.



flores, valeria. *Interruccion: ensayos de poética activista*. Escritura, política, pedagogía. Neuquén: La Mondonga Dark, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GONZALEZ, Leila. *A categoria político-cultural de amefricanidade*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92-3, p. 69-81, 1988.

KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 12p.

leal, abigail. me curo y me armo, estudando: a dimensão terapêutica y bélica do saber prete y trans. In: *Pandemia Crítica*, n. 052. São Paulo: n-1 edições, 2020.

LEAL, Dodi. A arte travesti é a única estética pós-apocalíptica possível? Pedagogias antiCISTêmicas da pandemia. In: *Pandemia Crítica*, n. 094. São Paulo: n-1 edições, 2020.

LIONÇO, Tatiana. A despatologização das identidades trans: questões e desafios na atualidade. *Revista EPOS*, v.7, n. 2, p. 147-156, ISSN 2178-700X, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, 2001, v. 9, n. 2, p. 541-553. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012>. Acesso em: 22 dez. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

NEVES, Benjamim Braga de Almeida. Transmasculinidades no ambiente escolar: laicidade e resistências. In: RODRIGUES, Alexsandro; MONZELI, Gustavo; RODRIGO DA SILVA FERREIRA, Sérgio (org.). *A política no corpo: gêneros e sexualidades em disputa*. Vitória: EDUFES, 2016, p. 161-176.

PELÚCIO, Larissa. O cu (de) Preciado? Estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil. *Iberic@!:* Revue d'études ibériques et ibéro-américaines, v.1, n. 1, p. 123-136, 2016.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre póscolonialismos, feminismos e estudos queer. *Contemporânea*, v. 2, n. 2, p. 395-418, 2012.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? *Revista Periódicus*, Salvador, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i1.10150>. Acesso em: 11 julho 2023.

PÉREZ, Moira. Salud y soberanía de los cuerpos: propuestas y tensiones desde una perspectiva queer. In: Fundación de Soberanía Sanitaria (org.) *Salud feminista: soberanía de los cuerpos, poder y organización*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2019, p. 31-48.



PÉREZ, Moira. Violencia epistémica. Aportes para una epistemología no ideal de la historiografía. In: Ciclo de Conferencias y Debates del CIEFi do Centro de Investigaciones en Filosofía, Universidad Nacional de La Plata, La Plata, 2020.

PÉREZ, Moira. Violencia epistémica: reflexiones entre lo invisible y lo ignorable. *Revista de Estudios y Políticas de Género*, v. 19, n. 1, p. 81-98 2019.

PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PRECIADO, Paul. *Testo yonqui*. Madrid: Editora Espasa Calpe, 2008, 324p.

RADI, Blas. Fronteras epistemológicas coloniales de la teoría queer: mecanismos de producción de ausencias en la obra de Preciado. *Interalia: A Journal of Queer Studies*, 2017, p. 139-154. Disponível em: <https://doi.org/10.51897/interalia/qouu8142>. Acesso em: junho de 2023.

RADI, Blas. Políticas del conocimiento: hacia una epistemología trans*. In: López, M. *Los mil pequeños sexos*. Intervenciones críticas sobre políticas de género y sexualidades. EDUNTREF, 2019b.

RADI, Blas. Políticas trans y acciones afirmativas en los ámbitos universitarios. Conversaciones necesarias para deshacer el cissexismo. *Aletheia*, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24215/18533701e026>. Acesso em: julho de 2022

RADI, Blas; PÉREZ, Moira. Diversidad sexo-genérica en el ámbito educativo: ausencias, presencias y alternativas. In: *Programa para el Mejoramiento de la Enseñanza de la Filosofía Actas de las XXI Jornadas sobre la enseñanza de la Filosofía*. Buenos Aires: FFyL, 2014.

ROSEIRO, Maria Carolina F. B.; FRANCISQUETO BERNABÉ, Marina; VIEIRA CASTELLO, Naiara. Sexualidades e gênero na Psicologia: ativismos formativos e tensionamentos curriculares. In: RODRIGUES, Alexsandro; MONZELI, Gustavo e RODRIGO DA SILVA FERREIRA, Sérgio (org.). *A política no corpo: gêneros e sexualidades em disputa*. Vitória: EDUFES, 2016, p. 195-214.

STRYKER, Susan. Estudos transgêneros: o gêmeo do mal da Teoria Queer. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, v. 10, n. 2, p. 212-215, 2004. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/54599>. Acesso em: Dez. 2022.

STRYKER, Susan. Saberes (des)sujeitados: uma introdução aos estudos transgênero. *Ponto Urbe*, v. 28, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.10778>: Acesso em: dez. 2022.

TRUJILLO, Gracia. De la necesidad y urgencia de seguir queerizando y trans-formando el feminismo. Unas notas para el debate desde el contexto español. *Ex Aequo - Revista Da Associação Portuguesa de Estudos Sobre as Mulheres*, v. 29, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2014.29.04>. Acesso em: Jan. 2023

TRUJILLO, Gracia. Del sujeto político la mujer a la agencia de las



(otras) mujeres: el impacto de la crítica queer en el feminismo del Estado español. *Política y Sociedad*, Vol. 46 Núm. 1|2, 2009, pp. 161-172.

YORK, Sara Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. *Revista Estudos Feministas*, 2020, v. 28, n. 3. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n375614>. Acesso em: julho 2022.

